

Casa Grande mostra vitória comunitária

Malu Pires

Os dez anos de existência do Núcleo Rural Casa Grande, a seis quilômetros do Gama comprovam que a atividade comunitária dá certo. Neste período, sem a ajuda do governo, sua população, estimada em três mil pessoas, conseguiu não só melhorar o próprio padrão de vida como reduzir o analfabetismo na região a um índice perto de zero e despontar como um dos centros produtores de hortifrutigranjeiros do DF.

Segundo dados da Associação dos Proprietários do Núcleo Rural Casa Grande, na última década o índice de analfabetos passou de 84,38% para 0,9%, enquanto o número de trabalhadores com vencimentos abaixo do salário mínimo reduziu de 97,3% para 40%. A produção mostra também a prosperidade da região: a última safra de tomate superou as 200 toneladas, a de folhosas, legumes e verduras deve crescer este ano, 30% em relação a 1990 e estão em expansão as lavouras de café, soja, alho, arroz e feijão.

Todo esse esforço de desenvolvimento deve ser creditado à comunidade. Foi através de mutirão que a escola de alfabetização de adultos e crianças foi construída, assim como foram abertas as ruas internas do núcleo. Já a associação de proprietários contribuiu para a instalação da rede elétrica e a compra do trator de colheita. Ela incentiva e participa das ações sociais, de saúde e lazer da população.

Resistência

Serviu como catalisador da união da comunidade, o processo contra os 764 chacareiros de Casa Grande que corre na Justiça desde 1982. Nele, a Terracap, que perdeu a causa em duas instâncias questiona os limites do núcleo rural. O aglomerado é considerado irregular pelo GDF, razão pela qual está impedido de receber infraestrutura governamental ou dinheiro de programas de incentivo à agricultura.

Sem ter com quem contar, além de seu próprio esforço, a população da região, que engloba também, as comunidades de Ponte Alta de Cima, Olho D'Água, Monjolo e Vargem da Bênção, fundou em 1983 a associação dos proprietários. A meta principal era a de construir a rede elétrica. Uma firma particular foi contratada e em um ano a obra estava pronta. Em 1984, todo o patrimônio, estimado à época em Cr\$ 109 mil, foi doado à Companhia de Eletricidade de Brasília (CEB). Entretanto, as ligações só puderam ser feitas no ano passado.

Em 1985 a comunidade fez nova investida para melhorar sua condição de vida, construindo uma

escola, apesar da resistência da Secretaria de Educação. O colégio mais próximo do núcleo rural ficava a 12 quilômetros, no Gama. Com uma população de maioria analfabeta foi dada prioridade à obra que ficou pronta depois de 30 mutirões consecutivos.

O prédio de 342 metros quadrados de área foi doado à Fundação Educacional do DF. Hoje, a FEDF mantém ali cinco professores e quatro funcionários de apoio. Estão matriculados 110 alunos nas cinco turmas matutinas e vespertinas. O ensino abrange até a quarta série e a partir daí os estudantes vão para colégios do Gama. A manutenção e a merenda escolar, entretanto, continuam a ser pagas pela população.

A intenção da comunidade é de neste ano conseguir implantar a iluminação pública e segurança no local para incrementar os cursos de alfabetização e supletivo noturnos. Estas duas atividades têm ocorrido de forma intermitente devido à falta de estrutura que possibilite aos caseiros e empregados deixarem sua casa para irem estudar em tranquilidade.

Várias foram as campanhas que a população do núcleo desenvolveu na área de saúde, nos seus dez anos de existência. A última foi de prevenção da cólera mas já foram realizados, entre outros, seminários sobre Aids, higiene, verminose, planejamento familiar, hábitos de nutrição. A preocupação nesta área é grande e chegou ao ponto de, por iniciativa própria, a população realizar a aplicação de flúor em crianças, tratamento de dentes e projetos de orientação e auxílio à mãe gestante. As vacinações são consideradas prioritárias e o número de pessoas inoculadas atinge a 100%.

No campo social, o símbolo é o menino Marquinho, de cinco anos. Deficiente físico de nascença e vítima da poliomielite foi adotado pela comunidade e hoje consegue andar graças a três operações que realizou no Hospital Sarah Kubitschek. Há, ainda, distribuição de pães aos sábados, realização periódica de cursos profissionalizantes e o uso de mutirões para a realização de festas, construção de casas, aberturas de ruas, consertos de cercas ou para solucionar qualquer outra necessidade que se apresente.

A meta de 1991 já está definida — a construção da sede definitiva do centro comunitário. Com o novo edifício a Associação dos Proprietários do Núcleo Rural Casa Grande pretende ampliar ainda mais os seus trabalhos nos diversos campos de atuação e montar um posto de saúde com a participação dos 45 médicos que fazem parte da sua população.



Graças ao trabalho comunitário, a produção agrícola cresceu substancialmente e o núcleo já é exportador de hortigranjeiros